

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social - ASCOM

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	2
Título: Mais pragmatismo e menos poesia	2
Título: Robô inspeciona campos de petróleo	3
Título: Credores aprovam venda de usinas para a Raízen	4
VEÍCULO: Correio Braziliense	5
Título: Gasolina a R\$ 3,149	5

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Seção: Opinião****Autor: Adriano Pires****Título: Mais pragmatismo e menos poesia**

Não há a menor dúvida de que o diagnóstico e, também, a agenda do atual governo sobre o setor de energia estão indo na direção correta, além de ela estar sendo tocada por um time de excelente qualidade.

Entretanto, causa estranheza o porquê de algumas decisões de curto prazo – em que parece haver total consenso entre o governo e os agentes de mercado – não estarem sendo implantadas. No setor de óleo e gás, eu chamaria a atenção para o Repetro.

Desde o governo Dilma o setor aguarda a sua extensão, que é essencial para o sucesso dos leilões marcados para o segundo semestre, mas nada acontece. Tem ares de mistério. Outra decisão que vem sendo adiada diz respeito à chamada cessão onerosa.

O acerto de contas entre o Tesouro Nacional e a Petrobrás tem deixado o mercado em compasso de espera, já que o resultado vai impactar as contas da Petrobrás. A empresa de forma errada, bem como o Ministério de Minas e Energia, tem feito declarações no mínimo precipitadas segundo as quais a estatal seria a credora.

A solução desse impasse passa por um entendimento em que se teria de rever a decisão do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), no governo Dilma, de ter dado à Petrobrás barris de petróleo da chamada extensão da cessão onerosa e, também, rever a lei que institui o modelo jurídico da cessão onerosa.

Assim, o primeiro passo seria a revogação da resolução do CNPE que deu à Petrobrás os barris da extensão da cessão onerosa. Com essa revogação, o governo deveria promover um leilão destes barris e, com os recursos arrecadados, pagar a Petrobrás, caso a estatal realmente seja credora da cessão onerosa.

O segundo passo seria o Poder Executivo apresentar um projeto de lei alterando as regras estabelecidas na cessão onerosa e permitindo que a Petrobrás utilize estes 5 bilhões de barris para atrair parceiros e, mesmo, compradores. Ao implantar essas medidas, daríamos um grande passo para solucionar o problema do déficit público e da dívida da Petrobrás.

Nos biocombustíveis, em particular no caso do etanol, chama a atenção o adiamento do governo para tomar a decisão de aumentar a Cide da gasolina. O momento não poderia ser mais propício para tomar essa decisão. A inflação está caindo – com a possibilidade de deflação em junho –, o preço do petróleo continua baixo, a Petrobrás tem reduzido o preço da gasolina, o Brasil tem de cumprir a meta da COP-21, mas nada é feito no sentido de aumentar a Cide, que nada mais é que um imposto ambiental.

Afinal, a ideia do governo é aderir à política de Donald Trump, que retirou os Estados Unidos das metas da COP-21? Isso sem falar nos estragos que essa política vem causando no mercado do açúcar, no qual o Brasil é o maior produtor, com mais de 50% do fluxo de exportação mundial. Na medida em que as usinas produzem menos etanol, aumentam a produção de açúcar, levando a uma queda do preço do açúcar no mercado internacional.

Ou seja, a falta de decisão de aumentar a Cide da gasolina, num momento de mercado como o atual, cria uma situação em que perde o governo, em arrecadação de imposto e na balança comercial; perde o produtor de açúcar e etanol; e perde o consumidor, principalmente, em relação à qualidade do meio ambiente.

No setor elétrico, não dá para entender por que não se toma a decisão de colocar usinas térmicas a gás natural na base do sistema e não se concedem mais incentivos para o crescimento da chamada geração distribuída.

Com o crescimento da participação de fontes renováveis e intermitentes na matriz elétrica, é essencial, tanto do ponto de vista econômico quanto da segurança energética, colocar térmicas a gás gerando o tempo todo e regularizando o sistema – papel que as hidrelétricas deixaram de fazer a partir do momento em que só se passou a construir usinas a fio d'água.

E o uso da geração distribuída, já presente em economias desenvolvidas, tem de deixar de ser o futuro no Brasil, com urgência. Precisamos de respostas mais rápidas, com pragmatismo e menos poesia.

DIRETOR DO CENTRO BRASILEIRO DE INFRAESTRUTURA (CBIE)

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Anna Carolina Papp

Título: Robô inspeciona campos de petróleo

Protótipo do Cimatec (BA) finaliza fase de testes

Uma espécie de submarino amarelo – tal qual o da icônica canção dos Beatles, mas em tamanho “petit” e com sotaque baiano. Filho de pais brasileiros e alemães, o simpático robô subaquático FlatFish, na fronteira da inovação em manufatura avançada no País, promete revolucionar a inspeção de campos submarinos de petróleo – inclusive do pré-sal.

O escopo começou há três anos, mas no mês passado foi concluída a sua segunda fase, iniciada em agosto, com testes do protótipo na Baía de Todos os Santos. O projeto, no qual já foram investidos R\$ 40 milhões, foi desenvolvido pelo Campus Integrado de Manufatura e Tecnologia (Cimatec), em Salvador (BA), em parceria com a BG Brasil, subsidiária da Shell, e com o apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii) e da ANP.

O toque alemão vem da parceria com o DFKI, instituto referência em inteligência artificial. O equipamento pode realizar, de forma autônoma, inspeções de plataformas offshore, podendo permanecer submerso por meses. Entre uma missão e outra, ele fica “estacionado” em uma garagem subaquática, onde poderá se recarregar sozinho “O robô emite imagens de sonar, baseado em ondas acústicas, e em alta resolução”, diz Antônio Mendonça, líder técnico do Senai e responsável pelo controle da operação.

“Ele pode detectar quebras e outros problemas em tubulações, transmitindo os dados.” O principal ganho, afirma ele, é a redução drástica de custos. “O que o Flatfish tem capacidade de fazer hoje é realizado por um grupo de 200 pessoas, dentro de uma embarcação de apoio, com uma megaestrutura – que custa cerca de US\$ 500 mil por dia”, diz. “O robô, debaixo d’água, vai fazer inspeções frequentes, sem a necessidade de voltar para a superfície. O custo pode cair para US\$ 100 mil por mês.”

Na segunda fase, trabalharam 30 pessoas – 17 delas fixas. Os testes foram feitos em um catamarã, de onde lançavam o protótipo. O espaço, apesar de compacto, foi totalmente adaptado, com laboratórios, refeitório e até um elevador para um membro cadeirante. “A equipe tem um francês e um alemão; de resto, todos são baianos”, diz Mendonça, com orgulho.

E não só baianos, como jovens – a média de idade é de apenas 24 anos. O FlatFish passa agora para a terceira fase, de industrialização do produto. A Shell quer colocar a solução no mercado e já negocia com uma empresa./A.C.P.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Mônica Scaramuzzo

Título: Credores aprovam venda de usinas para a Raízen

A Raízen Energia, joint venture entre os grupos Cosan e Shell, venceu na sexta-feira, 16, o leilão judicial e vai ficar com duas usinas de açúcar e álcool que pertencem ao grupo Tonon Bioenergia. A companhia fez uma oferta de R\$ 823 milhões pelas duas unidades que ficam no interior de São Paulo.

Em recuperação judicial desde 2015, a Tonon colocou à venda duas de suas três unidades. Apenas dois grupos fizeram oferta pelos ativos da companhia. Além da Raízen, também participou do leilão o grupo Suem, de São Paulo. A Tonon pretende manter sua terceira usina, no Estado vizinho de Mato Grosso do Sul.

As duas unidades adquiridas pela Raízen são consideradas estratégicas para a companhia, uma vez que complementam os negócios do grupo nas regiões de Araraquara e Jaú, segundo fontes ligadas à empresa.

Em nota, a Cosan informou que "a aquisição do grupo Tonon é um importante passo para a companhia, em linha com sua estratégia no mercado sucroenergético. Trata-se de um grupo bastante respeitável e tradicional do setor, com duas unidades estrategicamente localizadas próximas às suas áreas de atuação, que permitirá acesso a mais de 60 mil hectares de áreas cultiváveis e com expectativa de moer 4,9 milhões de toneladas de cana por ano." A conclusão do negócio, contudo, depende de trâmites relativos à recuperação judicial em curso.

Líder

Maior produtora de açúcar do mundo, a Raízen tem 24 usinas de açúcar e etanol no Brasil. Com capacidade para moer 68 milhões de toneladas por safra, a compra das duas usinas da Tonon elevará a produção da companhia para 73 milhões de toneladas/ano.

Após um forte boom de investimentos entre 2003 e 2010, o setor entrou em crise. Atualmente, há cerca de 70 usinas paradas, boa parte delas em recuperação judicial. O País chegou a ter 450 unidades produtoras em operação durante o auge do consumo de etanol no Brasil. O setor atribui a crise das usinas ao congelamento dos preços da gasolina.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Economia

Autor: Mariana Mainenti

Título: Gasolina a R\$ 3,149

O postos de gasolina estão ganhando os clientes nos centavos. Após o anúncio de queda de preços nas refinarias e a briga entre concorrentes, o valor na bomba

caiu. Em dois postos do Setor de Indústrias Gráficas (SIG), o litro está sendo vendido a R\$ 3,149. Já no posto Ale da Torre custa R\$ 3,159. Os valores são para clientes que pagam em dinheiro ou no débito. Quem usa o crédito, paga mais caro, R\$ 3,249. Ganha o consumidor que pesquisa e aproveita as promoções.

A diferença entre os valores pode não ser grande, mas compensa no fim do mês ao calcular toda a despesas com gasolina, constatou o engenheiro civil Alcimino Ribeiro, 35 anos. “Tenho que economizar até os centavos”, admitiu. Todos os dias, ele e a família fazem o trajeto de Águas Claras até o Plano Piloto. Para conseguir aliviar o orçamento doméstico, Alcimino e alguns amigos ficam de olho nos preços e promoções e se avisam quando aparece uma oportunidade de economizar. “Como é perto do meu trabalho e o preço está ótimo, compensa muito. A diferença é visível no medidor e no bolso também”, comemorou.

Reflexo

De acordo com Márcio Rocha, gerente do Posto Garantia no SIG, a redução do preço na refinaria, anunciado pelo Petrobras nesta semana, já reflete no bolso do consumidor. Além disso, a concorrência está forçando a redução dos preços. “Queremos manter esse valor, pois já estamos no limite. Nos últimos 30 dias nosso preço caiu mais de R\$ 0,20”, afirmou. “Quando o valor cai, o movimento aumenta muito. Todos ganhamos”, argumentou.

O servidor público Ronaldo Gomes, 26, aproveitou a promoção e encheu o tanque, assim, conseguirá ficar alguns dias sem abastecer. Para realmente valer a pena, Gomes fez um pequeno desvio no caminho do trabalho até o posto. “Não encontro esse preço em qualquer lugar. Perto da minha casa está R\$ 3,25. A diferença é de centavos, mas como gasto quase R\$ 500 por mês com gasolina, preciso economizar”, apontou.

Quem também fica de olho no preço, é a servidora pública Luana Andrade, 31. Ela foi até o posto no SIG, após o marido avisar que estava barato. “Sempre vemos onde está mais em conta. Como passo por aqui todos os dias, já aproveitei”, contou.

Na quarta-feira, a Petrobras anunciou a redução do valor médio nas refinarias em 2,3% para a gasolina. A estatal estimava que o combustível caísse 0,9%, ou R\$ 0,03 por litro nas bombas, caso o ajuste fosse repassado e não houvesse alterações em outros fatores que refletem no preço que chega ao consumidor final.

MME / ASCOM .